

16º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: LUCAS 16.19-31

Em quem realmente podemos e devemos confiar?

Salmo 146

Este é o primeiro de um conjunto de cinco salmos conhecidos como “Salmos de Aleluia” que voltam nossa atenção para o louvor ao Senhor e somente a Ele. No v. 3 o salmista adverte seus leitores a não adorar e confiar em “pessoas importantes”, pois elas são finitas e mortais, não podendo salvar-se a si mesmas. Somente o Senhor deve ser adorado, pois dEle são as obras salvíficas de criar (v. 6a), sustentar (v. 6b), libertar (v. 7a), redimir (v. 7b), curar (v. 8).

Algo importante a ser mencionado é que este Salmo aponta para a misericórdia do Senhor que não é indiferente ao sofrimento do seu povo. Esta misericórdia se revela nas muitas maneiras pelas quais o Senhor agiu em favor do povo de Israel. Assim também lembramos de Jesus quando deu comida aos famintos, abriu os olhos dos cegos, levantou os que estavam curvados, libertou o prisioneiro, acolheu órfãos, viúvas e leprosos (...). Em Jesus Cristo, Deus acolhe o ser humano em todas as suas necessidades.

Amós 6. 1-7

Este texto foi escrito ao povo de Deus em Jerusalém e Samaria em um período de paz e bem-estar econômico para boa parte da população, principalmente para as elites. Esta situação favorável acabou criando uma postura de autoconfiança e orgulho que intensificaram a indiferença quanto às necessidades dos desfavorecidos. O constante desenvolvimento comercial da região trouxe consigo um crescente mal-estar social pela intensificação da diferença entre as classes. Os ricos ficavam cada vez mais ricos, enquanto os pobres ainda mais pobres.

Esta indiferença também começou a fazer parte da religião que se tornou um mero ritual separado do viver diário das pessoas. Diante deste contexto, Amós é chamado por Deus para trazer uma resposta quanto à injustiça e à iniquidade que estavam tomando conta do

povo e que os levava a viver uma vida sem compromisso de obediência à Palavra de Deus. De nada adiantava o cumprimento dos rituais cúlticos uma vez que o coração do povo estava distante de Deus e das necessidades do seu próximo.

1 Timóteo 3.1-13

Esta é uma passagem muito importante no que diz respeito ao ponto de vista daquilo que se espera de quem exerce uma posição de autoridade dentro da Igreja. As exigências lembram a importância e as responsabilidades que estão sobre aqueles que passam a ser representantes da Igreja. A ênfase do apóstolo Paulo é de que os ministros devem ser exemplos no que compete ao domínio das paixões mundanas e da confiança somente em Deus.

1 Timóteo 6. 6-19

O texto é dirigido pelo apóstolo Paulo ao jovem discípulo Timóteo que se encontrava em Éfeso. Esta era uma cidade com uma boa situação econômica, o que leva o apóstolo Paulo a aconselhar Timóteo sobre a importância do ensino de que as riquezas deste mundo acarretam em grandes responsabilidades, pois o amor e a confiança nas riquezas é a causa de muitos se afastarem da fé verdadeira em Deus. O texto procura deixar evidente que a vida se torna vazia quando depositamos nossa confiança apenas naquilo que é de natureza temporal. A recomendação que se dá é de se estar satisfeito com Deus e como o que se tem como maneira de evitar a tentação de ser dominado pelos desejos ambiciosos das riquezas terrenas, pois “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” 1Tm 6.10a.

Lucas 16. 19-31

Este texto evidencia a crítica de Jesus sobre os fariseus que colocavam sua confiança nos rituais, nas riquezas e no próprio bem-estar como prova de justiça e sinal do favor de Deus. Ao utilizar a ilustração do homem rico, Jesus enaltece o fato de que ele tinha uma vida de fartura neste mundo, mas era inteiramente indiferente ao seu próximo necessitado. Ao morrer ele vai para o inferno, não por ser rico, mas por levar uma vida longe de Deus. O homem pobre, chamado Lázaro (que significa Deus socorre), apesar de todas as privações,

coloca a sua confiança no Senhor. Ao morrer ele vai para o céu, não por ser pobre, mas por ter a sua confiança sobre quem realmente importa, que é em Deus, o Deus que socorre.

Destaques:

É interessante perceber o modo como os textos se conectam com o objetivo de apontar para a importância de depositarmos nossa confiança somente no SENHOR. A substituição da confiança exclusiva em Deus pela confiança no ser humano, nos bens terrenos, ou em meros rituais religiosos, é uma das armadilhas eficazes do diabo e que têm desviado o coração de muitas pessoas de Deus.

A leitura do evangelho deixa este aspecto evidente. Quando no texto lemos que o rico pede por socorro ao “pai Abraão”, este lhe respondeu: *“Filho, lembre-se de que você recebeu os seus bens durante a sua vida, enquanto Lázaro só teve males. Agora, porém, ele está consolado aqui, enquanto você está em tormentos”* Lc 16.25. Essas palavras lembram do ensino de Jesus no início do seu ministério, quando ele diz: *“Mas ai de vocês, os ricos, porque vocês já receberam a sua consolação!”* (Lc 6.24). A repreensão de Jesus em relação aos ricos se dá, não por suas riquezas, mas por já agora terem a sua “consolação” que, na verdade, é uma falsa consolação. Ou seja, o problema está naquelas pessoas que acabam fazendo das suas riquezas a sua consolação. Por isso agora, nesta vida, *“já receberam”* a sua consolação. Cabe a reflexão, onde estamos depositando e encontramos a nossa real consolação?

Um pouco antes do texto da perícopes do evangelho, Jesus lembra que: *“Nenhum servo pode servir a dois senhores; porque irá odiar um e amar o outro ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e à riqueza.”* Lc 16. 13. Ou seja, o senhor do seu coração vai determinar como você irá administrar as suas riquezas – sejam elas quais forem – e o modo como você irá tratar os lázaros que cruzam o seu caminho. Nosso modo de ser e agir reflete quem realmente é o Senhor do nosso coração.

A ilustração utilizada por Jesus no evangelho destaca as consequências eternas de quem simplesmente substitui a adoração e a sua consolação no Senhor pelo mero deleite dos prazeres mundanos, como senhorio do seu coração. É possível deixar bem evidente, por meio da ilustração, o fato de que hoje ainda vivemos o chamado “tempo da graça” através do qual temos a oportunidade de nos arrependermos e voltarmos a nossa vida e a nossa fé em quem

realmente pode nos socorrer e nos consolar: Jesus Cristo. Somente Ele deve ser o Senhor do nosso coração, pois é somente nele que temos a real e a verdadeira consolação.

Deve-se lembrar que, enquanto vivemos aqui neste mundo, a nossa fé não pode ser vivida na abstração, mas que ela nos move à ação diante das necessidades do nosso próximo. O mesmo Deus que satisfaz as nossas necessidades é o que coloca os necessitados no nosso caminho, para que, com a abundância que Deus nos contempla, possamos suprir a falta do outro. *“A fé sem obras é morta”* Tg 2.17. Nossas obras não nos salvam da condenação eterna, mas dão testemunho de quem nós somos. Uma boa oportunidade de falar das obras do amor: *“Nós amamos porque ele nos amou primeiro”* 1Jo 4.19.

Outro destaque possível de ser feito é o contraste que Jesus faz quanto ao céu e ao inferno, deixando bem evidente que existe uma grande diferença entre ambos. Isto nos leva a falar sobre algo que está perdendo espaço dentro das homilias de muitas igrejas. É preciso falar sobre a existência do céu e do inferno, sendo que o modo como levamos a nossa vida aqui neste mundo tem direta relação com o nosso destino eterno. O inferno e o céu só têm porta de entrada, não há porta de saída, uma vez lá de nada adianta se arrepender e querer voltar. É fundamental darmos ouvidos aos ensinamentos da Palavra de Deus enquanto ainda é tempo e vivemos no “tempo da graça”.

Como sugestão, diria que seria importante conduzir os ouvintes a perceberem a tendência natural que nós seres humanos temos de depositar nossa confiança e a nossa vida nas coisas terrenas, desviando nosso coração do Deus eterno. Contudo, todas as coisas deste mundo são passageiras e não servirão para nada no juízo final. Por isso, diante do nosso maior dilema existencial, que é a vida após a morte, existe somente um caminho para a nossa consolação eterna: Jesus Cristo. Somente Ele foi capaz de resolver a nossa necessidade mais profunda de perdão das nossas falhas, fracassos e pecados. Graças ao que Jesus fez em nosso lugar é que a nossa vida passa a ter um novo sentido, aqui neste mundo e na eternidade.

Os textos nos ajudam, ao nos conduzir à reflexão de revelar as falsas consolações e os falsos senhores que criamos para as nossas vidas. Esta reflexão é importante, pois assim é possível perceber quem é a verdadeira e eterna consolação: o próprio Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Como mendigos, por meio da fé verdadeira em Jesus Cristo, somos enriquecidos, não com dinheiro, mas com a verdadeira prosperidade, que não pode ser roubada por ladrões e nem destruída pela ação do tempo. Por meio do sangue que foi derramado na cruz, muito

mais valioso que qualquer riqueza deste mundo, Jesus comprou para todos nós o reino celestial. Por meio da Palavra e dos Sacramentos, somos convidados a sermos ricos em amor, perdão, vida e salvação, aqui neste mundo e na eternidade. Esta é a maior consolação que podemos ter!

Pr. Rodrigo Erstling
Alegrete, RS
rodrigoerstling@gmail.com